

ÉTICA DO CUIDAR E RELAÇÕES DE GÊNERO? PRÁTICAS FAMILIARES E REPRESENTAÇÕES DA DIVISÃO DO TEMPO¹

*Vanessa Ribeiro Simon CAVALCANTI**

*Claudia de Faria BARBOSA***

*Bárbara Maria dos Santos CALDEIRA****

RESUMO: Na contemporaneidade, observam-se instabilidades sociais e mudanças no âmbito familiar, configurando novas formas de viver o cotidiano, mas impondo uma necessária reflexão sobre o privado e suas múltiplas referências. Famílias, lugares de viver e de cuidados demonstram matizes de novas fronteiras e divisão de tempo/trabalho feita pelos adultos. Entre tradição e configurações do tempo presente, quais os modelos identificados na ética do cuidar? Existem permanências ou rupturas nas relações e nos perfis familiares e dos cuidadores? Configura-se uma denominação mais equitativa no âmbito doméstico-familiar? Objetiva-se analisar a dinâmica e a atuação nas tarefas diárias, acessando debates sobre a dinâmica, economia e relações de gênero tal como se reflete no cotidiano doméstico. Com base no método quanti-qualitativo, temos como critérios operacionais as referências dos dados coletados no projeto intitulado “Gênero

¹ Este artigo é parte de um projeto coletivo coordenado pelas Professoras Dras. Mary Garcia Castro e Ana Maria Almeida Carvalho e contou, ainda, com contribuições de Helaine Pereira Souza e Mellany Moreira Nascimento. Agradecemos às sugestões e às indicações bibliográficas que fomentaram e proporcionaram novos olhares para e sobre a economia do cuidar, ambas essenciais para a escritura deste texto: Dra. Dulce Galvão (Universidade de Coimbra, Portugal) e Dra. Marta Zabaleta (Middlesex University, Reino Unido). Especiais agradecimentos pelo levantamento bibliográfico realizado na *London School of Economics* pela estudante Júlia Thomaz, que possibilitou um acréscimo importante na abordagem historiográfica mais atual.

* UCSAL – Universidade Católica do Salvador – Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Salvador – BA – Brasil. 40231-902 – vanessa.cavalcanti@uol.com.br

** Bolsista FAPESB. UCSAL – Universidade Católica do Salvador. Salvador – BA – Brasil. 40231-902 – clau3@oi.com.br

*** UCSAL – Universidade Católica do Salvador. Salvador – BA – Brasil. 40231-902 – barbaracaldeira@yahoo.com.br

e família em mudança na participação de pais no cuidado cotidiano de filhos”, realizado por meio de entrevistas com casais soteropolitanos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Famílias. Cuidado. Divisão do tempo/trabalho.

May unfit people to be anything other than what its justifying theories suppose them to be, ones who have no interest in each others' interests. (BAIER, 1994, p.29).

Considerações iniciais

A instituição família tem sido foco de investigação dentro das Ciências Sociais e Humanas e, a partir de um enfoque interdisciplinar, ocupa dimensões instigantes e que dão abertura para novos olhares e novas abordagens. Não se trata de um novo objeto de estudo, mas de um fenômeno dentro de um ambiente híbrido e paradoxal, de intensas mudanças na contemporaneidade e que requer mais que recortes disciplinares. Tanto no uso de categorias relacionais como famílias (DONATTI, 2008) e gênero (SCOTT, 1992, 1994, 2000), quanto na observação das dimensões da vida social (seja individual ou familiar) e histórica, proporciona campos de pesquisa e aprofundamento nas dicotomias entre as duas categorias, ressaltando uma “hermenêutica do cotidiano” (DIAS, 1998).

O cruzamento de categorias contribui no sentido da multireferencialidade e da sobreposição/associação de gênero, gerações, territórios, raça/etnia e classe, ressaltando que existem outras categorias abordadas em triangulação de dados. Tempo e divisão do trabalho de cuidar de crianças pequenas não é tarefa somente da contemporaneidade. A produção e a reprodução se matizam de forma naturalizada, mas, sobretudo nos últimos tempos, tem ocupado espaços e firmado novas fronteiras nas relações familiares e de gênero.

Prover, cuidar e proteger são ações distintas, mas que demonstram a necessidade e o exercício para além do econômico como motriz da ética do cuidar – teorias, práticas e experiências vivenciadas dentro das relações adultos-crianças – nos primeiros anos de vida. Esse ambiente não somente está vinculado à formação do próprio indivíduo, mas espelha ainda de que maneiras as práticas familiares e sociais serão constituídas e fomentadas.

Espaço de sociabilidade e de formação de valores, o ambiente familiar pode sinalizar paralelamente mudanças macroestruturais vivenciadas e compartilhadas na atualidade, seja a conexão realizada entre gerações (avôs e avós que cuidam

e proveem filhas/os e netas/os), sejam os serviços remunerados para suprir a atividade de cuidado diretamente realizada por parentes próximos e de primeira instância como mães e pais (nomeadamente babás, cozinheiras, empregadas domésticas, dentre outros), ou da ampliação novamente da concepção de família (permitindo a irmãs/ãos, tias/os, primas/os, etc. participarem do cuidar cotidiano).

Implica, sem dúvida alguma, a verificação da complexidade das tramas que se realizam no espaço familiar, mas identificam vínculos e conflitos, assinalam “[...] limites diversificados que o articulam, que requerem ser definidos e individualizados, mas também tematizados nas suas interdependências.” (SARACENO; NALDINI, 2003, p.17).

Neste sentido, o principal objetivo deste texto é analisar as relações entre os trabalhos com cuidados com as crianças e igualdade/desigualdade de gênero, numa perspectiva diversificada e fundamentada em literatura interdisciplinar e pesquisa investigativa de um enfoque tipológico e centrado na premissa de que, apesar das mudanças nas estruturas familiares e de relações de gênero que aconteceram nas últimas décadas, as permanências e as nuances de um sistema simbólico e de representações sobre divisões sexuais – sobretudo quanto ao tema dos cuidados de filhos pequenos – ainda seguem mentalidades de longa duração, dando destaque às representações relativas às assimetrias de gênero, sobretudo a questão da participação masculina nessa abordagem relacional.

O uso do banco de dados² – com 300 indivíduos em dois núcleos socioeconômicos distintos – obtido no Projeto de Pesquisa “Gênero e família em mudança: participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos” (CNPq Processo 402906/2008-0, 2008), cobre a primeira parte quantitativa no que diz respeito às questões da divisão temporal e de tipologia das atividades quando a referência é a primeira infância e a dedicação de mães e pais na prestação de cuidados³.

² O projeto utilizou a seguinte referência amostral: As variáveis principais para cruzamento serão grupos amostrais (definidos por geração – idade dos pais e dos filhos caçulas), nível socioeducacional (NSE) e gênero (mães e pais), classificados conforme os grupos: A amostra do *survey* será constituída por 300 unidades de pesquisa, maridos e mulheres (ou seja, 150 famílias, com um ou mais filhos e residentes em Salvador, BA), constituindo três grupos:

Grupo 1: 25 famílias de NSE médio alto e 25 de NSE baixo, pais e mães com até 29 anos de idade, e filho/a caçula acima de seis meses e que ainda utiliza fralda. Grupo 2: 25 famílias de NSE médio alto e 25 de NSE baixo, pais e mães entre 30 e 45 anos, sendo: NSE médio alto – a. (13) com filho/a caçula pelo critério acima; b. (12) com filho/a caçula >15 anos, NSE baixo – a. (12) com filho(a) caçula pelo critério acima b. (13) com filhos > 15 anos. Grupo 3: 25 famílias de NSE médio alto e 25 de NSE baixo, pais com idade superior a 45 anos, com filhos > 15 anos.

³ Parte inicial do projeto de pesquisa, através do piloto realizado com comunidade vulnerável de integrantes do Movimento sem Teto da Bahia, publicada como resultados parciais em Cavalcanti, Carvalho e Caldeira (2009).

Para complementar, foram realizadas entrevistas com dez pais cuidadores-provedores que estão norteadas a partir das representações de divisão do trabalho entre adultos cuidadores – sejam pais, mães, avôs, avós, babás, tias etc. –, sobre o trabalho remunerado (prestadores de serviços com vínculos empregatícios) e trabalho doméstico (podendo inclusive ser realizado por pessoas que tenham vínculos de parentesco, conforme poderemos constatar na apresentação da pesquisa realizada) e a prestação de cuidados quando da primeira infância de filhas/os – sempre a cargo de adultos, sejam do sexo feminino ou masculino (ÁVILA, 2007).

A cultura e a divisão do cuidar: paradoxos e tradições

Em tempos em que o relógio anda mais rápido do que as atividades, deslocamentos são necessários e a divisão das atividades do cuidar não se restringe mais aos adultos imediatamente vinculados, ou seja, familiares diretos, especialmente quando a temática gira em torno de crianças e idosos (DOWBOR, 2005); neste sentido, há que se pensar: quem cuida de quem? O tempo do cuidado é mais do que simplesmente prover, avançando para as esferas do proteger e criar as primeiras abordagens da socialização.

Dentro do que se convencionou chamar de “nova cultura parental”⁴ (RELVAS; ALARCÃO, 2007) ou divisão do tempo para o cuidado, podemos ainda verificar representações cujas permanências históricas são reveladas e refletidas, e o convívio com novas formas de relacionar também conjuntamente compõem o cotidiano de adultos cuidadores e infantes/idosos cuidados.

Para aproximações com o macro-projeto, tomamos as questões geradoras como referencial. Sejam questões mais amplas até as mais específicas sobre divisão de tempo/ética do cuidar, estão elencadas como princípios do roteiro aplicado. Como são os pais e mães de hoje na concretude da vida cotidiana? Como se dão as relações sociais ao nível do grupo familiar, considerando a tríade mãe, pai e filhos? Que modelos – novos? – oferecem para os filhos/filhas, e que caminhos se pode supor que descortinarão para essa geração futura? Em que medida vêm sendo desestabilizadas categorias como a divisão sexual do trabalho e do poder entre os grupos familiares?

⁴ Também podemos assinalar que existem novas configurações ou novos tipos de famílias. Ver Caniço et al. (2010) quando afirmam que as famílias mantêm critérios constantes pela aliança (formas de relacionamento e relação que incluem afinidades e conjugalidades) e pela filiação (projetando de modo vertical a descendência e a continuidade).

Repercussões metodológicas: vivências cotidianas e práticas familiares

Devreux (2006), em pesquisa sobre “A paternidade na França: entre a igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo”, demonstra que a redefinição dos direitos dos pais e das mães se desenvolveu em um contexto ideológico em que a noção de “ética do cuidado” (HELD, 2006) teve um papel importante, como em outras sociedades europeias.

Entretanto, o estudo das práticas masculinas na vida doméstica e da efetiva responsabilidade por filhas e filhos mostra um descompasso entre a ideia de que os pais teriam mudado a realidade da divisão sexual do trabalho na família (SOARES, 2008; WALL; GUERREIRO, 2005; VAN CUTSEM, 2001). Devreux (2006) interroga sobre o que está em jogo no combate entre os homens-pais, se o caráter reversível e intermitente do engajamento deles na parentalidade ou a prioridade que eles conferem à carreira profissional.

A autora conclui que os homens continuam a escolher em que momento e em quais condições eles se ocupam com suas crianças, assumindo, de fato, parcialmente suas responsabilidades parentais diante do conjunto da sociedade e demandando a ela reconhecimento de prerrogativas iguais às das mulheres que não fazem escolhas: quaisquer que sejam as condições, o cuidado com as crianças lhes incumbe, tenham elas ou não outros campos de atividade.

Por outro lado, Obrien (2005) acredita que, de agora em diante, os pais britânicos deverão ser mais acessíveis e carinhosos. Eles estão cada vez mais auto-conscientes sobre os conflitos e malabarismos que precisam fazer para cuidar dos filhos e ter um emprego. A autora explora a possibilidade dos pais estarem mais incorporados às atividades de cuidar da família, com a contribuição de políticas voltadas para a paternidade. O estudo mostra que os pais estão utilizando mais tempo com seus filhos, embora ainda em um nível inferior às mães. A partir dessa assertiva, organiza um relatório em que fornece uma base de dados para examinar em que medida os pais podem ser incorporados nas tarefas de cuidar da família, do emprego, com a reconciliação de políticas.

Neste sentido, despertar nos homens o interesse pela utilização da licença parental e práticas de trabalho flexíveis aumenta a possibilidade de eles estarem disponíveis e envolvidos diretamente com seus filhos. No âmbito social, a inclusão do pai na família demonstra consciência e aceitação de que acolheram suas crianças com responsabilidades relacionadas, além de manterem seu papel de provedor. No entanto, indica que os problemas permanecem, especialmente, em relação à conciliação entre família e trabalho. A maioria das mães deseja que os pais sejam

mais envolvidos na educação dos filhos todos os dias, mas a transição precisa de mais partilha, por reconhecer o que é diferente entre os sexos (parto e amamentação), e as atuais desigualdades de remuneração. Isso pode ser observado na abordagem quantitativa em que cerca de 80% das mulheres questionadas assumem o papel de cuidadoras exclusivas (mais de sete horas (por dia) de atenção e prestação de cuidados).

Na tabela 1, é possível identificar dados que comprovam essa dicotomia entre tempo e trabalho remunerado. Quando perguntados sobre sustento/provisão, 29% dos entrevistados respondem que é responsabilidade paterna e 71% que ambos assumem. Entretanto, é necessário destacar que no recorte utilizado para esta pesquisa não foram consideradas mulheres chefes de família, por conta da seleção de casais que estivessem vivendo maritalmente e com filhos. Inúmeros trabalhos para a realidade brasileira revelam dados específicos para casos de chefia feminina e exclusiva (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Tabela 1 – Distribuição e frequência por quantidade de horas dedicadas por (dia ou semana ou mês)

Tempo dedicado (em horas)	TOTAL		Mulheres		Homens		Mães		Pais		Avós		Avós		Outras cuidadoras femininas	
	(N)	%	(N)	%	(N)	%	(N)	%	(N)	%	(N)	%	(N)	%	(N)	%
Até 2 horas			83		139		12		99		64		18		7	
De 3 a 6 horas			156		172		59		159		33		6		30	
De 7 a 10 horas			142		37		57		37		26		-		46	
11 e mais			240		5		172		5		15		-		40	
TOTAL			621		353		300		300		138		24		123	

Fonte: Elaboração própria, adaptado do Banco de Dados do Projeto Cuidar – 2010.

Foram apresentadas as seguintes questões norteadoras relativas à responsabilidade principal, introduzidas pela pergunta: “Vamos pensar num dia típico de cuidados com o(a) seu(sua) filho(a). Pense no tempo que cada um desses cuidadores que você me disse agora há pouco, ocupa cuidando do(a) seu(sua) filho(a). Então qual deles se ocupa []”: 1. Sustento; 2. Cuidados e bem estar físico; 3. Educação, disciplina e 4. Convivência e lazer. No que se refere à divisão de cuidados, 85,7% ressaltam a responsabilidade de ambos. Quanto à educação, disciplina e valores, encontramos o mesmo resultado (95,3%). Para o quarto aspecto, 99% consideram que ambos são responsáveis. Entretanto, se prover é uma responsabilidade de ambos com percentual de 71%, retomamos o questionamento inicial da investigação: quem cuida de quem?

De acordo com a tabela anterior, as prestações de cuidados acima de 7 horas para crianças pequenas tem uma concentração quantitativa nas atividades domésticas e remuneradas das mulheres, sejam mães ou aquelas que possuem vínculos afetivos ou empregatícios. Destaca-se a relação tempo-cuidado mais equitativa para o período de até 6 horas, há um acréscimo significativo dos cuidados femininos e um decréscimo da atenção masculina, além do desaparecimento do avô como cuidador quando do aumento da carga horária. Ademais, há uma maior participação de cuidadoras femininas remuneradas (babás, cozinheiras, empregadas domésticas, etc.), saltando de 7 para 2 e chegando ao número de 40 que dedicam atenção acima de 10 horas.

Na distribuição de atividades nos dias de semana e dias úteis a participação dos pais chega a 54% no período de 3 a 6 horas diárias, enquanto que para as mães a atenção dirigida para mais de 10 horas chega a 51,3%. Nos períodos de final de semana, feriados e/ou férias há uma relativa constância da participação paterna no cuidado dos filhos menores: 32,7% de 7 a 10 horas e 38% para mais de 10 horas diárias. No caso materno, pula-se de 12,7% para 82%, respectivamente. A análise possível é que para os cuidados diários há um predomínio mais equitativo de ambos os sexos. Quando a jornada de trabalho doméstico tem carga superior a 7 horas, incluindo finais de semana, feriados ou férias, detecta-se uma permanência histórica: o domínio feminino no espaço privado.

Tempos comuns, tempos coletivos? gênero, família e representações

Dentre as representações qualitativas extraídas tanto da coleta de dados, diretamente a partir do roteiro realizado, quanto nas entrevistas a partir das três questões geradoras, é possível perceber as nuances de um conflito que indica a necessidade de abordagem de gênero e da família como categorias relacionais (DONATI, 2008; SCOTT, 1992). Para uma aproximação com a construção das relações de gênero se observa que o desempenho nas atividades internas e externas configuram-se tendo como premissa um importante peso diferenciador entre percepções, uma vez que ainda hoje homens e mulheres desempenham diferentes papéis no seio da vida conjugal e familiar (KAUFFMAN, 1993; SINGLY, 2000; TORRES, 2004a).

Nas vozes masculinas, as representações sobre as questões geradoras são fundamentais, demonstrando que entre o ser e o fazer, entre o prover e o cuidar as distâncias ainda revelam assimetrias de gênero, apesar das eventuais inserções do homem no papel de cuidador. Os conflitos entre as atividades externas e o tempo dedicado ao trabalho doméstico e ao cuidar de crianças pequenas ainda têm

caráter fortemente marcado para ser exercido por mulheres. Os dados da coleta de campo confirmam esta assertiva ao mencionar a ocupação e o tipo de atividade desempenhadas pelos homens, como por exemplo, a convivência e o lazer.

As transformações e as incertezas da vida no tempo presente caracterizam-se por um processo em que a vida do indivíduo e dos familiares atravessa mais do que projetos comuns e rotineiros de seleção de parceiros, efetivação do relacionamento (seja civil ou religiosamente), momento de iniciar descendência, organização e divisão (igual ou desigual) do trabalho doméstico e do remunerado, além das subjetividades e expectativas para o futuro. Tudo isso, respaldando aspectos da construção de biografias pessoal e familiar, concomitantemente, “ampliou tanto as possibilidades de que dispõem para o fazerem como as incertezas que acompanham as escolhas” (ABOIM, 2006, p.17).

Quando nossa filha está em casa, alguém deve assumir a responsabilidade... Posso perfeitamente assumir a coordenação das atividades de cuidado dela, além disso, a divisão de ações integra também o projeto de vida e de relacionamento que pretendemos. Se minha esposa tem que trabalhar – especialmente em viagens longas – não sou o responsável somente como **pai de final de semana**. Todas as atenções e cuidados são feitos para tentar cuidar e educar nossa filha. (ACS, 42 anos, casado, ensino superior, uma filha, divide atividades com esposa).

Seja numa divisão mais equitativa, seja numa rotina quase que de exclusividade feminina⁵, as práticas e as experiências diárias indicam mais do que cumprimento de carga horária e tempo cronometrado. Podem concomitantemente apontar para um projeto de vida comum e de compartilhamento apreendido também ao mesmo tempo em que vai sendo experimentado.

As novas práticas familiares são configuradas para além de uma marcação de tempo, mas, sobretudo porque evidenciam afetividade e aproximação, pelas relações criadas com os/as cuidadores/as adultos/as. Por isso, na divisão de papéis e funções, quando há revezamento e trocas também pode favorecer uma ética do cuidar e formas de viver bem distintas das normatizadas. Mudanças, rupturas e consensos

⁵ Por incluir atividades como o parto e a amamentação, atribuições femininas presentes nos anos iniciais da vida da criança. Ademais, são respaldados por agendas políticas e marcos legais que garantem, na maior parte dos países ocidentais, licença maternidade/paternidade e definem que os custos sociais para os cuidados da primeira infância são pautas de políticas públicas. No caso específico das licenças – diferenciadas por tempo ou – de acordo com países de IDHg mais elevado – sendo facultada aos progenitores a escolha de quem será o beneficiário da licença, independentemente de ser pai ou mãe, como acontece nos países nórdicos europeus. Apesar de não ser o foco deste texto, pode-se mencionar uma leitura interdisciplinar, com recortes na Antropologia e Direito, e que traz conotações sobre marco legal, legislação e paternidade/filiação (PINA CABRAL, 2003).

são buscados com frequência, relativizando tempos de produção/reprodução e trabalho remunerado e trabalho doméstico, não mais restritos exclusivamente ao sexo feminino, mas sobretudo ao processo de tentar equacionar carreira/trabalho e vida/convívio familiar.

Na questão da higiene, nos dividíamos para a troca de fraldas, aliás, acredito que eu tenha trocado mais fraldas. Já para o banho, para a primeira filha, por exemplo, só me aventurei mais próximo dela completar um ano (eu e minha mulher tínhamos medo de que eu deixasse entrar água no ouvido). Depois eu fiquei responsável por essa tarefa (pela manhã e a noite) para os dois. Quando os dois estavam em casa – enquanto eu dava banho, minha mulher preparava algum alimento. Assim também foi com as idas aos médicos: até 1 ano de idade do primeiro filho, minha mulher estava mais presente; em compensação, eu fiquei responsável por todas as vacinas dos dois. Depois seguíamos uma divisão de horários, mas fazíamos de tudo para ir juntos. Na medicação a gente se revezava – ela durante o dia e eu pela noite [...] (SAC, 66 anos, viúvo, comerciante, ensino médio completo, dois filhos, dividiu atividades com esposa).

Entre dez dos entrevistados, oito evidenciam em suas próprias falas um distanciamento da divisão tradicional – homem provedor e mulher cuidadora, mas reincidem nas clivagens de gênero e na desigualdade de papéis. Entre o **pai de final de semana** e a **super mãe** – aquela que cumpre trabalho remunerado externo e jornada doméstica – existe uma maior cumplicidade quando o tema gera interfaces entre as categorias parentalidade, conjugalidade e filiação.

A força da tradição está presente conforme mencionado anteriormente a partir dos dados quantitativos, mas já se conjugam também novas formas de divisão e cuidado, incipientes é verdade, mas já assinalando tempos e ações distintas nessas últimas décadas. Mesmo que os homens estejam compartilhando as prestações do cuidado em maior expressão, talvez o mais relevante seja a forma como assumem tal responsabilidade – seja no que se refere ao prover, cuidar, educar e propiciar atividades de convivência e lazer. Isso pode ser revelado nas seguintes representações:

Apesar de tentar dividir as tarefas, sempre acabava me sentindo culpado, por não ter muito tempo para dedicar aos meus filhos. Entre o cansaço de retornar de um dia inteiro fora de casa e a atenção que eles exigem, muitas vezes, acabo delegando à mãe o cuidado das crianças. Ou quando não é possível, utilizo a reserva: a babá. (JMS, 32 anos, casado, comerciante, ensino fundamental, 2 filhos, divide com esposa e babá).

Ademais, a divisão que se cria não pelas assimetrias de gênero, mas sobretudo pela dicotomia entre trabalho remunerado e trabalho doméstico também é alvo da atenção, perfazendo interlocuções entre visões interdisciplinares do processo: desde a economia até a questão das subjetividades; da dedicação maior estar atrelada ainda ao externo, sobrando pouco tempo para uma maior disponibilidade para a família. Neste sentido, entre o fetiche do capital e a construção de identidades individuais e coletivas, o trabalho e o tempo produtivo são voltados para “integração e coesão social, satisfação, realização pessoal e de sentimento de autonomia individual” (TORRES et al, 2004, p.27).

Em outra passagem é possível a aproximação das atividades através da divisão. Um elemento pertinente a esta fala do pai cuidador está diretamente relacionada com as práticas do cuidar mais minuciosas, realizadas no cotidiano familiar, mas também já inclui nessa rotina a inclusão de um elemento externo relevante quando da formação e do cuidado de crianças pequeninas (ALMEIDA, 2009): a escola como espaço socializador e também responsável pelo cuidado e atenção.

As atividades sempre foram divididas entre os dois (eu e minha mulher, a mãe dos meus dois filhos). Quando me lembro das práticas familiares, a memória me parece bem viva: desde a alimentação até o lazer, tudo era dividido. Por exemplo, me lembro perfeitamente que o preparo de alguns alimentos se dava da seguinte forma: a mãe preparava o mingau (eu tentei várias vezes, mas sempre ficava cru) e sopas e eu ficava responsável pelos sucos de frutas e vitaminas. À medida que eles foram crescendo, os cuidados foram mudando – quando começaram a ir à escolinha, na faixa de 2 anos, minha esposa preparava os lanches em casa para não comerem nada muito industrializado, mas quem preparava a lancheira pela manhã e quem comprava as frutas fresquinhas era eu. No geral, a mãe conhecia mais os gostos deles e eu aos poucos ia memorizando ou fazia algumas listas. Aí passei a levar os dois ao mercado (eu sempre fiz o mercado) e lá ia aprendendo o que cada um gostava [...]. (SAC, 66 anos, viúvo, comerciante, ensino médio completo, dois filhos, dividiu atividades com esposa).

A referir apenas que, conjuntamente com percepções mais atenuadas da vida em casal, os homens tendencialmente referem menos reconstruções identitárias com o casamento, talvez por o seu processo identitário ser mais independente da família e mais dependente do campo profissional, enquanto que no caso da mulher a sua construção identitária e o seu percurso pessoal é marcadamente definido por sua trajetória familiar (GIDDENS, 1993).

Considerações finais

Para finalizar, e deixando espaço para novas reflexões e interpretações, indicamos a necessidade de realização de estudos comparativos mais amplos e com populações de culturas e trajetórias sociais também distintas, revelando a transversalidade do cotidiano, das práticas familiares e sociais e, sobretudo, da ética do cuidar frente aos desafios da contemporaneidade.

Dentre âmbitos sociais, culturais e históricos, ademais das subjetividades, pensar as especificidades, a hibridiz dos territórios familiares investigados e as relações de gênero aponta para a observação de atitudes e comportamentos, para perspectivas e determinantes sociais dos papéis de gênero, bem como da análise possível acerca das diferenças entre os planos de escolhas/projetos de vida e as “preferências individuais” (HAKIM, 2000, 2003)⁶.

Essa tendência às preferências também se coaduna com as transformações ocorridas nas últimas décadas, com destaque para o “lugar social e histórico das mulheres” (TORRES et al., 2004), das inúmeras tendências sociodemográficas (diminuição no número de filhos, gravidez acima dos 35 anos, separação de projetos de conjugalidade e filiação etc.).

Não obstante, cada vez com maior frequência e visibilidade se estrutura um tenso equilíbrio entre papéis públicos e privados, indicando que a concepção de gênero pode ser vista “como elemento fundador dos processos sociais, a par com o interesse das formas de produção familiar”, além de trazer para a ribalta o “tema da desigualdade, complexificando leituras excessivamente homogêneas ou individualistas da mudança social” (ABOIM apud WALL; AMÂNCIO, 2007, p.38).

As assimetrias, as desigualdades e os conflitos dentro do cenário familiar trazem mais do que pistas e sinais da experiência coletiva de viver e de cuidar. Afinal, o cuidar, a vocação crescente relacional e igualitária da conjugalidade ou a

[...] participação doméstica idealmente pedida ao homem surgem cada vez mais em confronto com as exigências da ética do trabalho, da responsabilidade patriarcal e da autoridade, outrora e ainda hoje associadas a uma masculinidade cuja lógica de dominação simbólica sublinha a antítese com o feminino (afetivo, passivo, dominado...) (ABOIM apud WALL; AMÂNCIO, 2007, p.39).

⁶ Teoria das Preferências foi desenvolvida e utilizada em pesquisa da autora, revelando ainda que a “teoria feminista pressupõe que, dada uma escolha livre, todas as mulheres querem o estilo de vida masculino “macho” de emprego em tempo integral, ao longo da vida, apenas com breves pausas para engravidar. Deste modo, desafia esse pressuposto, mostrando mulheres (e homens) com conduta/opção heterogênea em suas preferências de estilo de vida”. (HAKIM, 2004, p.3). Para completar essa assertiva vale conferir (HAKIM; ALBERDI, 2007).

Por mais que se esforce na compreensão acerca dos significados do cuidado nas marcas e vivências do ser mulher e mãe e do ser homem e pai, a questão possui um lugar no cotidiano familiar e entra em contradição entre identidade, pessoa e papéis sociais e culturais. Pedreira (2008) demonstra que a dualidade da correlação sexo/gênero, característica da sociedade moderna nos finais do século XVIII a XIX, aproximou o homem da cultura e a mulher da natureza. Entretanto, na contemporaneidade, as teorias feministas se interessaram em tornar inteligível a realidade, impossibilitando classificar os sujeitos de acordo com postulados *a priori* e sem levar em conta o impacto da globalização e o caráter de mudanças que influenciaram significativamente as singularidades dos sujeitos e suas identidades.

Dentre o processo de longa duração e refletindo sobre a História do Tempo Presente, para além dos paradoxos e aproximações com um individualismo exagerado, a ética do cuidar pode mostrar mais do que representações das experiências sociais e humanas, mas permanências e rupturas que vão se constituindo, especialmente nos campos de interface e cruzamento de categorias – neste texto com maior ênfase às relações intrafamiliares e de gênero.

Entretanto, vale uma ressalva: os debates entre natureza e cultura e, sobretudo, reproduzir a noção de desigualdade entre gêneros e confirmar a máxima de que o cuidado é virtude feminina (essencializada e perpetuada) podem servir para manter as mulheres no lado mais vulnerável da relação de gêneros e inibir a promoção da ética do cuidado em contraposição à ética da justiça (GILLIGAN, 1992). Isto em alusão à prerrogativa de conquistar a cidadania social e, por conseguinte, a emancipação do processo de alienação que separa o objeto do sujeito.

Os dados coletados e a historiografia auxiliam na construção de uma hipótese, demonstrando que as clivagens e as atitudes/comportamentos sofrem e são determinados por mudanças intensas que, não somente desafiam a organização e as representações das práticas familiares, mas, sobremaneira, denotam a própria fusão de valores, identidades e experiências vividas no cotidiano das famílias e das práticas do cuidar, aqui nomeadas como ética do cuidar, reforçando a tomada de consciência e a preferência de adultos na criação, cuidado e provimento de crianças menores.

O que os dados empíricos e as principais produções acerca do tema do cuidar referenciam é a noção paradoxal dos papéis e das funções assumidas por mulheres/mães e homens/pais nas últimas décadas. As novíssimas concepções de maternidade/paternidade estão nos limiões entre manutenção das tradições e rupturas e novas configurações das relações familiares e de gênero. Entre igualdade, autonomia e busca de liberdade aparecem também conflitos sociais, familiares e pessoais, mas também decisões individualizadas. Entre cuidadores/cuidadoras, o conflito e a escolha não se revelam como simples aspectos da vida cotidiana familiar.

Quando se pensa nos processos do tempo presente, pelo menos as últimas quatro décadas são reforços significativos para se pensar/refletir as mudanças nas mentalidades e nas práticas sociais. “Até pouco tempo, os universos masculinos e femininos eram estritamente distintos. A complementariedade dos papéis e das funções alimentava o sentimento de identidade específica de cada sexo [...] o que resta das suas diferenças essenciais?” (BADINTER, 2010, p.13).

Deste modo, é indicativo que, a partir do momento em que homens e mulheres assumirem as mesmas funções, por exemplo, as atividades de cuidados com filhos pequenos, isso não necessariamente implica mudanças estruturais sobre prover e, muito menos, a elaboração da ética do cuidar. O que se pode observar, em contexto híbrido e de abordagem interdisciplinar, é que estudos sobre famílias e relações de gênero exigem mais do que a descrição do fenômeno/processo, mas, sobretudo – em nosso caso – observar também as próprias falas/representações dos sujeitos históricos envolvidos. Afinal, sejam homens/pais e mulheres/mães, quando o fazem, fazem por necessidade, desejo e escolha.

ETHICS OF CARE AND GENDER RELATIONS? FAMILY PRACTICE AND REPRESENTATIONS OF THE DIVISION OF TIME

ABSTRACT: *In contemporary times there is social instability and changes in the family, which create new ways of living and imposes a necessary reflection on the private sector and its multiple references. Families, places to live and care show shades of new borders and the division of time/work created by adults. Between tradition and configurations of the present time, which models are identified in the “Ethics of Care”? Are there continuities and ruptures in relationships and profiles of caregivers and family? Do we identify a fairer designation in the domestic environment? Our aim is to analyze the dynamics and performance in daily tasks by accessing debates about the dynamics, economy and gender relations as reflected in domestic daily life. Based on the quantitative and qualitative methods, we present as our operational criteria references of data collected in the “Gender and family change in the participation of parents in the daily care of children” project, which interviewed couples living in Salvador.*

KEYWORDS: *Gender. Families. Care. Division of Time/Job.*

Referências

ABOIM, S. Clivagens e continuidades de gênero face aos valores da vida familiar em Portugal e noutros países europeus. In: WALL, K.; AMÂNCIO, L. (Org.). **Família e gênero em Portugal e na Europa**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2007. p.35-87.

_____. **Conjugalidades em mudança**: percursos e dinâmicas da vida a dois. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

ALMEIDA, A. N. **Para uma sociologia da infância**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

ÁVILA, M. B. Notas sobre o trabalho doméstico. In: LIMA, M. E. et al (Org.). **Transformando a relação trabalho e cidadania**. São Paulo: CUT, 2007. p.01-08.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.

BAIER, A. **Moral prejudices**: essays on ethics. Cambridge: Harvard University, 1994.

CANIÇO, H. et al. **Novos tipos de família**. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2010.

CAVALCANTI, V. R. S.; CARVALHO, A. M. A.; CALDEIRA, B. M. S. Woman the caregiver: ways of sharing childcare in two contemporary brazilian contexts. In: BASTOS, A. C.; URIKO, K.; VALSINER, J. (Org.). **Cultural dynamics of women's lives**. Carolina do Norte: Information Age, 2009. No prelo.

DEVREUX, A. M. A paternidade na França: entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.21, n.3, p.607-624, set./dez. 2006.

DIAS, M. O. L. da S. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Projeto História**, São Paulo, n.17, p.223-258, nov.1998.

DONATI, P. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

DOWBOR, L. A economia da família. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. **Família**: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2005. p.293-304.

GIDDENS, A. **The transformation of intimacy**: sexuality, love and eroticism in modern societies. Cambridge: Blackwell, 1993.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

KAUFMAN, J. C. **Sociologie du couple**; Que je sais? collections. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

HAKIM, C.; ALBERDI, I. Ideas y valores que influyen en los comportamientos familiares. In: DELGADO, M. (Ed.). **Encuesta de fecundidad, familia y valores**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2007. p.143-215.

HAKIM, C. **Models of the family in modern societies**. London: Ashgate, 2003.

_____. **Women's position in the labour market**: how important are lifestyle preferences? Belfast: Economic Research Institute of Northern Ireland, 2004.

_____. **Work-lifestyle choices in the 21st century**: preference theory. Oxford: Oxford University, 2000.

HELD, V. **The ethics of care**: personal, political, global. Oxford: Oxford University, 2006.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão social do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007.

O'BRIEN, M. Share caring: bringing fathers into the frame. **Working Paper Series**, Norwich, n.18, p.01-44, 2005.

PEDREIRA, C. S. Sobre mulheres e mães: uma aproximação à teoria do cuidado. In: FAZENDO GÊNERO, CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis, 2008. p.01-07.

PINA CABRAL, J. de. **O Homem na família**: cinco ensaios de antropologia. Lisboa: Ed. da Universidade de Lisboa, 2003.

RELVAS, A. P.; ALARCÃO, M. **Novas formas de família**. Coimbra: Quarteto, 2007.

SARACENO, C.; NALDINI, M. **Sociologia da família**. Lisboa: Estampa, 2003.

SCOTT, J. W. História das mulheres. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp. 1992, p. 63-95.

SCOTT, J. W. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista (Cidadania e Feminismo)**, México, n.esp., p.203-222, 2000.

_____. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.3, p.11-27, 1994.

SINGLY, F. de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.; SINGLY, F.; CICHELLI, V. (Org.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p.13-19.

SOARES, C. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16., 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2008. p.01-19.

TORRES, A. C. **Vida conjugal e trabalho**. Oeiras: Celta, 2004a.

TORRES, A. C. et al. **Homens e mulheres entre família e trabalho**. Lisboa: CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Ministério do Trabalho e da Segurança Social, 2004.

VAN CUTSEM, C. **A família recomposta**: entre o desafio e a incerteza. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

WALL, K.; AMÂNCIO, L. (Org.). **Família e gênero em Portugal e na Europa**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2007.

WALL, K.; GUERREIRO, M. das D. A divisão familiar do trabalho. In: WALL, K. (Org.). **Famílias em Portugal**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2005. p.303-362.

Recebido em: 29/04/2011

Aprovado em: 10/10/2011